

*Tudo se ilumina
para aquele que
busca a luz.*

BEN-ROSH

הַלָּפִיד

*... alumia-vos e
aponta-vos o ca-
minho.*

BEN-ROSH

(HA-LAPID)

Órgão da Comunidade Israelita do Porto

DIRECTOR E EDITOR — A. C. DE BARROS BASTO (BEN-ROSH)
Avenida da Boavista 854 — PORTO

—(Toda a correspondencia deve ser dirigida ao director)—

COMPOSTO E IMPRESSO NA Empresa DIARIO DO PORTO, L.da
Rua de S. Benito da Victoria, 10

PORTO

A MENSAGEM DO RESGATE

No começo do mês de Nissan o Reitor da Yeshibah Rosh Pinah (Instituto Teologico Israelita do Porto, acompanhado pelo Talmid Levy Rafael Henriques a fim de levar a mensagem do Resgate aos cripto-judeus do norte da Beira-Baixa.

Visitou Escalhão, Figueira de Castelo Rodrigo, Vilar de Torpim, Almeida e Pinhel, e tomou contacto com os cripto-judeus de Azêvo.

Em toda a parte foi bemvindo e

alvo de atenções e mostras de simpatia pela sagrada obra a que se consagrou.

Em Escalhão e Pinhel deixou organizadas Juntas Judaicas e noutros locais deixou promotores da Obra do Resgate.

E' emocionante ver como todas estas almas isoladas, ha tantos anos, do judaismo oficial acolhem as palavras de fé e de esperança do Mensageiro do Resgate.

O Poeta e a Inquisição

Antonio José da Silva (1705-1739)

Antonio José da Silva nasceu no Rio de Janeiro na família dum advogado cristão-novo. Sua mãe, acusada de judaizar, foi presa um belo dia, enviada para Lisboa e lançada no fundo dum calabouço. João Mendes da Silva, o pai de Antonio não foi inquietado (seria porque compunha poesias catolicas?). Para se aproximar de sua mulher aprisionada, emigrou para Lisboa com toda a sua família. No fim dum ano, e mãe de Antonio foi declarada *reconciliada* com a Igreja e posta em Liberdade.

O jovem seguiu o curso de direito na Universidade de Coimbra.

Na idade de 20 anos, foi a Lisboa para ali passar as suas férias, quando sua mãe foi novamente prêsá. Ele mesmo foi igualmente metido numa prisão: acusavam-no de judaizar.

Os inquisidores aterrorisaram-no requintadamente; prodigalisavam alternativamente as exhortações e as ameaças, e, no decorrer dos interrogatorios, obrigavam-no a trair os seus. A inevitavel tortura o espiava. O notario inquisitorial fez-lhe assinar uma declaração reconhecendo que, se ele fósse mutilado ou morto pelos tormentos, isso seria sua culpa e não da Santa Inquisição, porque ele merecia o castigo. Foi submetido á tortura; durante muito tempo, com a sua mão ferida não poderá assinar o seu nome. Depois, num auto de fé celebrado em presença do rei João V, teve que ajoelhar-s e prestar juramento, a fim de se reconciliar com esta boa mãe que seria para ele a Igreja. Devia igualmente prometer que nunca traíria os segredos do Santo Tribunal. Quanto a sua mãe, foi ela transferida para um calabouço secreto. Ela sofreu a tortura do pôtro e só foi de clarada penitente e posta em liberdade três anos depois.

Livre, Antonio acabou os seus estudos na Universidade e tornou-se advogado. Seria um pequeno burguês como ha tantos nesta profissão? Não, o seu genio e os seus sofrimentos livraram-no disso. Espirito sarcástico, ele sabe apanhar o burlesco e o

tragico da sua epoca... Compõe comedias em prosa que o tornam depressa celebre. Escreveu *A vida do grande D. Quichote e do gordo Sancho Pança* revista burlesca, sobre o motivo da obra de cervantes.

A mitologia e os autores antigos fornecem-lhe assuntos de operêtas: *Esopaida*, *Os encantos de Medêa*, *Amphitryon* ou *Jupiter e Aleméus*, *o precipicio de Phaeton* e outras. O seu rir era cantagioso; a multidão aplaudiu as *operas de judeu*, como chamavam ás peças de Antonio José da Silva. Sob a capa da mitologia e o veu do gracejo, o autor ria-se dos inquisidores, esses *juizes do ventre*. O rei, os pedantes, os medicos, os poetastros são alternadamente os seus motivos. Sabe colocar as suas aluzões de maneira a enganar o faro dos cães do Santo Officio.

Nas suas comedias, o tragico alterna com o comico; aos jogos de palavras, ás palavras de calão sucede, de repente, uma queixa lancinante. Na prosa são intercalados versos; encontram-se dialogos mordazes, interludios musicais, recitativos e cançonetas, estas *modinhas* que Antonio trouxe do Brasil.

Em seguida, Antonio parece ter tido uma vida feliz. Despozou sua prima, Leonor Maria Carvalho, que tinha, ela tambem, permanecido nos calabouços da Inquisição. Mas quando mais as suas peças obtinham sucesso, tanto mais o numero dos seus inimigos crescia.

Não havia pedantes e poetastros entre os inquisidores? Silva, por isso, contentou-se em publicar o seu teatro sem nome de antor, sob o titulo de *Teatro comico portugûes*. Só ha poucos anos que se encontrou o nome de Antonio José da Silva, dessimulado num acrostico que serve de prefacio. Numa introdução ironica, o autor dedica as suas obras á *mui nobre-dama Argentina Pecunia*, que deve encarnar o dinheiro que toda a gente, declara ele, se apressa a servir. Uma nota ajuntada ao volume II é uma especie de para-raios contra as faiscas inquisitorias: "As palavras Deuses, Deidades Destino, Divindade, Omnipotencia e Sabedoria só devem ser interpretadas no sentido poetico e de nenhuma outra maneira, porque nestas obras utilizam-se porque são indispensaveis como ornamento da composição dramatica, mas sem intenção de ofender em quer que seja

os dogmas da nossa Santa Madre Igreja, á qual, como filho obdiente, eu me submeto em tudo que ella prescreve”.

Mas o poeta é sempre vigiado «um pé na Inquisição e o outro no mundo» como diz o poeta brasileiro Gonçalo de Magalhães, no seu drama «O poeta e a Inquisição» inspirado na sorte de Antonio e representado no Rio de Janeiro em 1838.

O autor das operas poderia encontrar o resumo da sua vida nas palavras de Balzas: «com o pé esquerdo, eu marcava a cadencia e julgava ter o outro no ataúde». Antonio vivia, actuava, mas dormia proximo da prisão.

No dia 5 de outubro de 1739, quando celebravam o aniversario dum filho, Antonio e sua mulher grávida, foram novamente prêsos; e uma semana depois, pela terceira vez, era tambem prêsa a mãe de Antonio.

Acusados todos três de judaizar, por denuncia duma sua criada, foram lançados na prisão.

Separado de sua mulher e de sua mãe, Antonio ignora por muito tempo a sua sorte.

Ele teme as torturas que as ameaçam. No seu calabouço, Leonor deu á luz um filho.

Enquanto aplaudiam a sua peça «o principio de Phaeton» o autor definhava numa masmorra.

Ao fim de dois anos de cativo, a 11 de Março de 1739, o poeta é declarado *heretico, apostata, negativo e pertinaz*. A sua mulher *heretica, apostata negativa, pertinaz, impentente e relapsa*. Os bens de Antonio são confiscados e lançam-lhe a excomunhão maior. Mas a sentença ficando secreta não será revelada ao condenado senão a 18 de outubro do mesmo anno num auto de fé celebrado numa igreja.

Desta vez, Antonio sabe a sua sorte. Segundo o seu costume hypocrita, a Inquisição não procede directamente a execução; ella entrega o condenado *ao braço secular* pedindo-lhe para agir *misericordiosamente com o culpado, sem proceder á pena de morte*. Na realidade esta formula significa belo e bem *fogueira*. Como os grandes trabalhadores da Inquisição não têm sempre tempo de lêr todas as sentenças, demasiado numerosas para um dia só, é execução é deixada para o dia seguinte; é de

resto, ainda um meio de torturar o prisioneiro. As formalidades seguem o seu curso: o gato brinca com o rato. A intervenção do Conde da Ericeira e a do Rei D. João V pessoalmente, ficam sem efeito.

No dia seguinte 19 de outubro 1739, acompanhado pela Companhia da Misericórdia, Antonio caminha para a morte.

Este auto de fé é, se se pôde dizer, mais humano que os outros: a Inquisição não o faz morrer lentamente pelo fogo.

O poeta é estrangulado e o seu cadaver queimado. Elle tinha apenas 34 anos.

No mesmo dia, uma das suas operetas é representada no Teatro do Bairro Alto. Os seus gracejos, as suas cançõetas são calorosamente applaudidas por esta mesma multidão que, não menos satisfeita, assistiu ao suplicio do autor.

Os inquisidores não deixaram de forçar a sua mãe e sua mulher a contemplar a morte de Antonio, o que fez enlouquecer sua mãe. As duas mulheres estavam condemnada a prisão indeterminada. Este *carcere a arbitrio* só dependia do capricho dos inquisidores.

A mãe morreu alguns meses apóz o suplicio do filho.

A sorte de Leonor Maria é misteriosa: ella devia ter succumbido em qualquer masmorra.

Apenas 190 anos, cincoenta anos antes da Revolução Franceza, que este homem de genio, cognominado o Plauto portuguez, foi executado como um criminoso porque o acusavam de judaizar.

Valentin Parnac.

• • •

Dos 4 cantos da terra

==

O sabio Judeu Neftali Fried foi nomeado Director da Biblioteca hebraica do Vaticano.

O Snr. Fried é duma familia judaica piedosa (Hassid) da Ruthenia. A alimentação *cachér* é-lhe assegurada na cidade do Vaticano.

VIDA COMUNAL

PORTO

Fadar—No dia 21 de Fevereiro, (4 de adar de 5691), na Sinagoga Mekor Haim, foi fadada uma menina, filha da Ex.ma Snr.a D. Sofla Gutlib da Costa e do Snr. Moisés da Costa, a qual recebeu o nome de Bilah, (Berta). Foram padrinhos a Ex.ma Snr. D. Sofia de Carvalho e seu filho.

Milah—No dia 6 de Maio foi circuncidado João Batista Carneiro, filho de pais cripto-judeus, natural de Bragança de 10 anos, de idade; recebeu o nome de Yehoshuah.

No dia 7 de Março (18 de Adar de 5691) foi circuncidado um menino filho da Ex.ma Snr.a D. Nucia Yanowski e do Snr. Isaac Yanowski. Foi mohel o Snr. Samuel Muknisk e padrinhos a Ex.ma Snr.a D. Sabina Bronstein e o Snr. Delfim Furriel. O menino recebeu o nome de Samuel.

Ofertas—A' Sinagoga Mekor Ha'im foi oferecida uma bandeja de prata pela Ex.ma Snr.a D. Hannah Sequerra, de Lisboa, em uemoria de seu pai, Abraham Esther Levy, falecido em Lisboa a 18 Shebat de 5664.

Aos alunos da Yeshibah ofereceram dois saquinhos para Taleth e dois para Telifin as Snr.as Directoras da Aula de Costura de Comunidade Israelita de Lisboa, as Ex mas Snr.as D. Sofia Abecassis e D. Hannah Sequerra, gracioso trabalho feito pelas suas alunas.

Obras da Sinagoga—Continuam paradas por falta de recursos.

Visitantes — Visitaram-nos os seguintes correligionarios: Pessar Dobrouch Keso e esposa, de Paris; B. Gast de Hilversum (Holanda); Samuel Cohn, de Hamburg (Alemanha).

LISBOA

—Foi organizado um curso de hebraico noturno para adultos na Biblioteca da Sinagoga Shaaré Tikvá, rua Alexandre Herculano 117. O curso funciona duas vezes

por semana e é dirigido pela Ex.ma Snr.a D. Dr.a Ana Herzberg.

—O Snr. Mendel Diesendruck, digno Hazan cantôr da Comunidade de Lisboa organisou um orfeão com elementos da juventude judaica lisboeta, composta por 30 figuras. Espera-se que ele se faça ouvir no Porto, quando se inaugurar a Sinagoga da Capital do Norte.

—A *Imprensa Moderna*, Rua Luz Soria-no 43 abquiriu caracteres hebraicos podendo encarregar-se de qualquer trabalho tipografico nesta lingua sagrada.

BELMONTE

Vieram passar as ferias da Pascoa a esta vila os alunos do Instituto Teologico Israelita, do Porto, os nossos conterraneos Luiz Rafael Henriques, Antonio Rodrigues e Tobias Diogo.

Teem dado algumas lições de leitura hebraico e rudimentos a vários adultos. Trinta pessoas já este ano celebraram a Pascoa judaica.

COIMBRA

Encontra-se nesta cidade o estudante Antonio Herminio Branco, que vai passar as ferias da Pascoa, com a sua família. tem estado no Porto aprendendo a religião judaica. Veio acompanhado pelos seus condiscipulos Rodrigues e Diogo de Belmonte, tendo visitado os principais monumentos da cidade e a Biblioteca da Universidade, onde tiveram a satisfação de lêr na preciosa bíblia hebraica que ali existe.

BRAGANÇA

Em viagem de Férias, estiveram nesta cidade, João Batista dos Santos e João Batista Lopes, alunos do Seminário Israelita do Porto. Oficiaram na nossa sinagoga na velha lingua, sagrada o que encheu de contentamento os assistentes pela forma correcta como se souberam conduzir nas suas orações e pelo seu grande adiantamento e boa vontade que eles mostram ter para sacerdotes israelitas.

—Chamou Deus á sua presença a gentil menina Lea do Ceu Fernandes Montanha, dilecta filhinha do nosso correligionário, o

Sr. José Furtado Montanha, digno director da Agencia do Banco de Portugal nesta cidade. Esta donzelinha era bela e bondosa, era *do ceu* como o seu nome indicava e Deus não permitiu que na terra permanecesse e para o ceu a quiz. Deus a deu, Deus a levou, Bendito seja Deus.

No seu funeral que foi imponente, incorporou-se tudo o que de representativo havia em Bragança, desde os humildes operários até aos altos dignatários. Magestosa manifestação de saudade.

• • •

Os dias da semana

Muito se tem escripto sobre os dias da semana, mas até agora, ao menos de quanto temos lido, não achamos a razão de ser dos respectivos nomes em portuguez. O autor que explicitamente diz alguma coisa é Candido de Figueiredo, sem comtudo esclarecer o motivo por que, tendo «os outros povos christãos» designados os dias da semana pelos dos planetas, só o portuguez lhes deu denominação ordinal seguida da palavra *feira*.

Como na opinião do autor destas linhas a causa deste facto se deve encontrar na historia dos costumes da Peninsula, e ainda em influencias exteriores, vejamos primeiramente a origem da divisão do tempo por semanas.

Entre outras hypotheses, a mais aceitável é que a instituição da semana de sete dias é de origem judaica, conforme o Genesis. Fazemos allusão á semana de sete dias porque houve povos que a não conheceram. Primitivamente nenhum a teve. Ella só veio a ser conhecida no Occidente depois do contacto do christianismo e, sendo este uma creação do pensamento e da mentalidade judaica, é claro que tirou desta civilização boa parte do que póde apresentar de elevado e de util.

No Mundo antigo e entre os povos que nunca tiveram contacto com os Judeus, não se conheceu a semana de sete dias. Vejamos:

Os Mayas tinham a semana de 5 dias; os Aztecas dividiam o anno em dezoito meses de 20 dias e mais cinco, como os epagómenos, pois já tinham o anno de 365 dias; o Epypto, ao que parece, não a conheceu. No seu caleddario o anno é dividido em trinta e seis décadas e mais cinco dias que os gregos denominavam epagómenos. Tambem havia a divisão em doze mezes.

Parece, pois, que a sua semana era de dez dias ou a década.

Não esquecemos que a palavra *semana*, do latim *septimana*, contém o radical *sete*; mas se ha quarentena (de quarenta), de *oito* dias, pode pelo mesmo phenomeno semantico haver semana de dez dias.

Os gregos igualmente contavam por décadas, isto é, dividiam o mez em tres semanas de dez dias cada uma:

1.^a Década menós archomenou (principio do mez *mez principiante*).

2.^a Década: menós mesountes (meado do mez).

3.^a Década: menós pthintonos, (mez expirante), conter nove dias, conforme o mez lunar.

Os chinezes e japonezes tinham ou têm a semana de dez dias; os romanos contavam os dias do mez de mui diversa forma.

Vejamos um mez de 31 dias para dahi fazer-se um juizo:

- 1.^o Calendæ.
- 2.^o VI ante Nonas.
- 3.^o V ante Nonas.
- 4.^o IV ante Nonas.
- 5.^o III ante Nonas.
- 6.^o Pridie Nonas.
- 7.^o Nonas.
8. VIII ante Idus.
- 9.^o VII ante Idus.
- 10.^o VI ante Idus.
- 11.^o V ante Idus.
- 12.^o IV ante Idus.
- 13.^o III ante Idus.
- 14.^o Pridie Idus.
- 15.^o Idus.
- 16.^o XVII ante Calendas.
- 17.^o XVI ante Calendas.
- 18.^o XV ante Calendas.
- 19.^o XIV ante Calendas.
- 20.^o XIII ante Calendas.
- 21.^o XII ante Calendas.
- 22.^o XI ante Calendas.
- 23.^o X ante Calendas.
- 24.^o IX ante Calendas.
- 25.^o VIII ante Calendas.
- 26.^o VII ante Calendas.
- 27.^o VI ante Calendas.
- 28.^o V ante Calendas.
- 29.^o IV ante Calendas.
- 30.^o III ante Calendas.
- 31.^o Pridie Calendas.

Tinham tambem os dias *nundinae* ou seja uma especie de semana de oito dias marcados no seu caledario pelas letras A, B, C, D, E, F, G, H.

Os indus já conhecem a semana commum:

- Rava-vâra dia do sol.
- Soma-vâra dia da lua.
- Mangala-vâra dia de Marte.
- Budha-vâra—dia de Mercurio.
- Guro-vâra—dia de Jupiter.
- Sukra-vara—dia de Venus.
- Sani-vâra—dia de Saturno.

Outro povo que tambem contava a semana de sete dias é o babilonico. Parece estar provado que primitivamente este não a conheceu no seu caledario. Mas, tempos depois, dados ao cultivo da astrologia e dedicando um dia a cada planeta (como os egypcios já faziam para as horas do dia) acabaram por fixar sete dias, conforme a presumpção astrolatrica do tempo. Assim temos:

- O 1.^o dia sob a invocação Xamáx (Sol).
- O 2.^o dia sob a invocação Sin (Lua).

- O 3.º dia sob a invocação Nergal (Marte).
- O 4.º dia sob a invocação Nabu' (Mercurio).
- O 5.º dia sob a invocação Marduk (Jupiter).
- O 6.º dia sob a invocação Ixtar (Venus).
- O 7.º dia sob a invocação Minib (Saturno).

Como se vê, é a denominação Hindu' apenas traduzindo o nome dos astros. Será coincidência? Não sabemos que dizer.

A astrologia era corrente em certa época da historia entre os povos do Oriente.

Mas o facto de os judeus os designarem por ordinaes nos faz crer que elles adoptassem a semana hebdomadal como calculo de trabalho, ao passo que os outros povos ou por imitação ou por coincidência, através da sua astrolatria, chegaram ao mesmo numero de dias para a semana.

Tambem pode ter sido—no que estamos de accordo—imitada dos Judeus, dadas as observações de Burnouf, Ab. Moraeux, e outros sem deixar de parte o valor da tradição.

Os Gregos, com o contacto dos judeu-christãos, receberam a semana judaica e ainda a ordem, fugindo assim a influencia deixada pela astrolotria e abandonando a sua tradição, de forma que elles designam actualmente os dias da semana:

- Segunda—Deutera.
- Terça—Trite.
- Quarta—Tetarte.
- Quinta—Pempte.
- Sexta—Paraskene ou Prosábaton.
- Sabado—Sabbaton.
- Domingo—Kylraské

Vê-se pois que entro os povos christãos não só os Portuguezes estabeleceram a conta ordinal para os dias da semana.

Exposta dessa forma a indicação da semana em alguns povos, chegamos á conclusão de que a semana hebdomada é de origem judaica, se bem que haja quem afirme ser babilonica. O caso é, porem que o Occidente a conheceu através do judaismo. Parece ser sido introduzido no Império Romano, ao tempo de Theodosio um pouco depois.

A maioria desses povos seguiram a nomenclatura indo-babilonica claramente influenciada pela astrolatria. Mas os Gregos, Portuguezes e ainda Mhomethanos seguiram a denominação ordinal.

Nos Gregos e Arabes a influencia judaica é evidente. Os primeiros annos do christianismo no mediterraneo oriental, o contacto entre judeus e christãos era de tal natureza que quasi não se differencavam. Basta dizer que em qualquer comunidade judaica se encontrava um agrupamento christão, de forma que não é muito difficil explicar a origem de varios usos, cerimoniaes, etc., deste culto por influencia daquelle.

Quanto aos Arabes, o contacto com os judeus é anterior ao romano e mesmo ao grego. A Bíblia menciona-os. Depois este contacto foi maior.

E' sabido que chegou a haver na Arabia o reino Hymyarita só de judeus, cuja tradição e costumes influenciou os povos dessa região, dando-se o apparecimento do mahometismo.

Indicados assim alguns calendarios e a sua rapida comparação com a semana judaica, vejamos o que nos diz Candido de Figueiredo, cuja leitura suscitou em nosso espirito a idéa do presente trabalho:

«A difficuldade não está em aabermos a razão do vocabulo «feira», com aquella applicação. No latim da liturgia christã, pelo menos, desde o seculo IV da nossa era, ou desde os tempos de S. Jeronymo, deu-se aos dias da semana o nome de *féria secuuda, féria tertia, féria quarta* .. e que por uma lei de Constantino Magno, a semana anterior á Paschoa e a semana immediatamente seguinte eram *feriados*; posteriormente, prevaleceu o uso de se *feriar* só a semana immediata á Paschoa. E assim, sendo semana de *férias*, á primeira *féria*, chamou-se por excellencia, domingo, (dies dominica, dia do Senhor); mas os dias seguintes chamaram-se *segunda-feira, terça, quarta, etc.* ..

Ora o vocabulo *féria*, por evolução ou phonetica norma, produziu o termo portuguez *feira* e daqui a *segunda-feira, terça-feira, etc.* ..

O setimo dia tambem era feriado e, por isso, na velha liturgia, se chamou *septima-féria*; mas depois prevaleceu o nome de sabado, que, entre os hebreus, é o dia do descanso.

A difficuldade, pois, não está em se apontar a razão de termo *feira*, applicado aos dias da semana; o que realmente nos parece difficil é explicar satisfactoriamente, por que, não sendo os portuguezes mais catholicos que os hespanões, os italianos e os francezes, só nós é que applicamos aos dias da semana os nomes consignados na antiga liturgia christã catholica. Como a semana immediata á Paschoa era a primeira do anno ecclesiastico, comprehende se que o nome dos dias, da primeira semana se applicasse aos dias das outras semanas do anno.

Mas por que foi que só os portuguezes adoptaram tal nomenclatura, desconhecida hoje entre os outros povos christãos?

Digam-no os sábios, que nós, apenas aventuremos a supposição de que o espirito religioso, associado ao patriotismo de um povo, cujos ascendentes lutaram contra os romanos, levaria os descendentes dos lusitanos a preferir as tradições liturgicas á adopção de uma nomenclatura pagã dos conquistadores da Peninsula.

Méra supposição, em todo o caso.

Vê-se, pois, que o illustre philologo não atinou com a razão principal e limitou-se a divagar no terreno imaginario das idéas e a attribuir a exaggeros de antiromanismo a causa da preferencia portugueza pelos ordinaes dos dias da semana. A razão mais do que evidente se encontra na propria Historia de Portugal. Os Judeus, e mais tarde os Arabes, estiveram na Peninsula até uma época em que a lingua já se fixara de todo. Particularmente os primeiros assistiram á formação dessa lingua. Os Arabes ahi apparecem no periodo de transição. Ambos esses grupos ethnicos eram os senhores do commercio e da industria. Eram elles que prodominavam nas transações de crdem economica; que conecorriam aos mercados ou *feiras* e que automaticamente transmittiam aos habitantes do paiz a linguagem de interesse commercial. Não é preciso dizer que os nomes de certos pesos e medidas como arratel, arroba, alqueire, almude e outros são fracamente de origem arabe. Ora é claro, que tanto judeus como Arabes usando a denominação ordinal para os dias da semana e estando em contacto com o povo em relações da vida diaria fizeram predominar o seu uso, que teve depois a sancção geral amparada pela facilidade do aprio domestico.

Os nomes dos dias das semanas em hebraico ainda hoje são:

- Yom chad Dia 1.º
- » Xeni » 2.º
- » Xelixi » 3.º
- » Rebihi » 4.º
- » Hamixi » 5.º
- » xixi » 6.º

Xabbath. (Descanço)—Sabado.

Em Arabe:

- al'badi—dia 1.º
- al'ithnaini—dia 2.º
- al'thalathai—dia 3.º
- al'arbakai—dia 4.º
- al'cbamsi—dia 5.º
- al'djumkafi—dia do congresso—dia 6.º
- assabti—sabado.

Occorre naturalmente uma pergunta: e porque na Hespanha onde houve muitos judeus e arabes não prevaleceu esse systema?

Isso è apenas apparente. Se na Hespanha não está esse uso generalizado, é pelo menos tolerada tal nomenclatura, além do que é corrente em certos centros. O proprio dictionario da Academia o registra como tal.

Quanto aos outros povos, elles são a prova evidente de que na Peninsula o phenomeno é de origem judeu-arabe, e mais judeu do que arabe, pois nos outros elles os judeus nunca exerceram tão grande influencia como ali.

E' bom lembrar o facto bem significativo da criação das *feiras commerciaes* em Portugal no tempo de Alfonso III, isto é, entre 1248 e 1279, e portanto, num periodo em que a lingua portugueza procurava fixar-se.

Ninguém desconhece a acção civilizadora, communicativa e divulgadora do commercio e é de prever que o habito de arabes e judeus (e particularmente o destes, em cujas mãos se achava o commercio) se transmittisse ao ambiente designando os dias de negocio das feiras pelos da semana.

Os negocios feitos nas feiras (nos mercados) no dia immediato ao domingo, seriam negocios de segunda-feira que vinha ao encontro da nomenclatura judaica; a 2.ª feira corresponde ao segundo dia da semana biblica. E assim, os negocios da terça-feira, da quarta-feira, etc. Esta ordem prova com os recursos do raciocinio, e é saciedade a sua origem judaica. Todos os povos que seguiram os ordinaes nos dias da semana, mantiveram-nos conforme a tradição da Genesis. O Sr. Candido de Figueiredo afirma que o Domingo é a *feira por excellencia*, e por isso é a primeira feira. Tratando-se de fèria pode muito bem ser. Mas se attendermos ao facto de que a semana é antes uma divisão de tempo, determinando um periodo de trabalho, devemos concordar que não se principia esse periodo pelo descanso.

Ora, Arabes, (Mahometanos) Greges e Portugueses (Christãos) não têm o seu dia de descanso no Sabado—(descanço). Os christãos guardam o domingo e os Mahometanos, a sexta-feira; entretanto designam os dias ordinariamente pela ordem instituida no calendario judeu.

Houve, pois, um syncretismo, se assim nos po-

demos expressar, combinando ou adaptando a palavra *feira* de origem ecclesiastica ao mesmo termo de origem commercial e, como é neste meio que o povo tem o seu maior contacto, accitou essa nomenclatura como já havia adoptado muitas outras denominações de utilidade commercial e de interesse economico e industrial.

David Pérez.

• • •

Portugal na Holanda

Um novo curso na Sinagoga de Amsterdam

Inaugurou-se em Amsterdam um novo «curso de lingua portuguesa» no Seminario da historica Sinagoga Portugueza tendo comparecido grande numero de membros da Comunidade Israelita e os Consules Geraes de Portugal e do Brasil que se faziam acompanhar pelo consul honorario de Portugal o dedicado e desinteressado lusofilo sr. Johan Voetelink.

O acto foi presidido pelo Consul Geral de Portugal, sr. Borges dos Santos que, com o sr. Voetelink e o bibliotecario do Seminario, sr. Jacob da Silva Rosa, foi quem tomára a iniciativa do novo curso reavivando, dessa maneira, as gloriosas tradições portuguezas e o culto pela Patria distante. Os judeus portuguezes que tinham esquecido a lingua dos seus maiores voltam, agora, a pratical-a tendo como professor o sr. Voetelink, proficuamente auxiliado pelo distinto bibliotecario sr. Silva Rosa.

O «curso» abrange a propaganda commercial, colonial e turistica, afóra as prelecções de literatura e de historia portuguesa e assim, criar-se-hão fundas raizes na numerosa Comunidade israelita, cuja influencia no commercio e na industria de Amsterdam é muito importante.

Devido aos esforços do sr. Voetelink, já diversos individuos de nacionalidade holandeza falam o portuguez, encontrando-se espalhados pelos Paizes Baixos alguns dos seus antigos alunos e os quais mantem relações commerciaes com Portugal e suas Colonias. Deve-se frisar que o novo professor da escola portugueza anexa ao Seminario é desde ha muito tempo professor

na Escola Comercial de Amsterdam, onde, tambem, ensina o portuguez.

As Sociedades de Excursões e de Turismo, da grande cidade, já receberam, por intermedio do Consul Geral, sr. Borges dos Santos, exemplares de propaganda portugueza, redigidos em várias linguas, os quais têm sido distribuidos profusamente e toda esta propaganda criteriosamente exercida pelos verdadeiros amigos de Portugal nada tem custado ao Estado portuguez. Tambem a Companhia dos Caminhos de Ferro Portuguezes terá, em breve, os seus representantes para a propaganda das suas linhas, os quais se encarregarão das excursões a Portugal, sendo este melhora-mento devido ás boas inteligências e acordo existentes entre o Consul Geral e o seu devotado colaborador, o consul honorario sr. Voetelink, o verdadeiro amigo e companheiro de todos os portuguezes que tem estado na Holanda.

Procura-se organizar varias excursões desportistas a Portugal, para a proxima primavera o que é uma melhor fórmula de propaganda e sem risco de intermediarios gananciosos, o que afastaria muitas das pessoas que desejam conhecer o nosso paiz.

Donativos

Para a construção da Sinagoga:

Do Snr. Eugenio Cardoso, de Vila-Real	100\$00
Da Ex.ma Snr.a D. Leah Azancot de Barros Basto	50\$00
Do Snr. Herminio Branco, de Coimbra	20\$000

Para a Yeshibah Rosh Pinah:

B. Gast, de Hilversum (Holanda) 100\$00

Publicações recebidas

«Illustration Juive», de Alexandria (Egip-
to); «The American Hebrew» de New York;
«Israel», de Florença (Italia); «Elementos pa-
ra a historia dos judeus portuguezes de
Hamburgo», por Alfonso Cassuto, edição da
Associação Israelita «Hehaber», de Lisboa;
«The Jewish Forum», de New York; «Israel»,
de Italia; «Der Aufstieg», de Berlim; «Bnai
Brith Magazine», de Cincinnati (Estados Uni-
dos).

• • •

Terra de Israel

Está completo já o projecto para a
creação duma escola agricola hebraica a ins-
talar proximo do Monte Tabor, em Emek
(Galileia), com os fundos deixados por tes-
tamento do filantropo hebreu Kadoorie.

• • •

Elementos para a Historia dos Judeus Portugueses de Hamburgo

por ALFONSO CASSUTO

Não se sabe ao certo qual foi o ano em
que os judeus de Portugal vieram estabele-
cer-se em Hamburgo, contudo, duas peque-
nas notas, uma do embaixador da Alema-
nha na Turquia, Stephan Gerlah, e a outra
de Philippe II de Hespanha ao vice-rei da
India, ambas aproximadamente do ano de
1577, provam que já neste ano existia uma
comunidade judaica em Hamburgo; se ela
era pequena ou grande não se pôde afirmar.
Em 1604 a «Assembleia dos Burgueses de
Hamburgo» notou que a colónia de comer-
ciantes portuguezes aumentava e que se tor-
nava necessário submetê-los a um exame,
visto que apesar de cristãos no exterior
realizavam cerimoniaes religiosas desconhe-
cidas para os hamburgueses. Pelos protoco-
los da «Assembleia dos Burgueses», se con-
clue que gradualmente se tornára publico
que alguns destes estrangeiros eram judeus,
e que por fim se reconheceu que os portu-
gueses, tidos a principio por católicos, eram
realmente todos judeus.